



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5844 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

ENSINO DE HISTÓRIA E A ATIVIDADE DE ESTUDO COMO CONDIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO TEÓRICO

Simão Henrique Jakobowski - FURB - Fundação Universidade Regional de Blumenau

ENSINO DE HISTÓRIA E A ATIVIDADE DE ESTUDO COMO CONDIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO TEÓRICO

Apresentamos resultados parciais de uma pesquisa teórica que tem como objetivo geral teorizar a relação entre ensino de História e Formação Humana, estabelecendo relações entre a aprendizagem e o desenvolvimento a partir da idealização de uma Atividade de Estudo destinada a estudantes do sexto ano do ensino fundamental. As teorizações têm base na Teoria Histórico-Cultural, destacando-se os conceitos de aprendizagem e desenvolvimento de neoformações como a tomada de consciência e a intervenção da vontade; apoiando-se em dois pressupostos centrais: as funções psíquicas superiores que estão radicadas nas formas históricas e sociais da existência humana e a constituição do estudante em sua humanidade requer que ele se aproprie dos instrumentos culturais, internalizando-os, fazendo com que se tornem meios de sua própria atividade. As teorizações também incluem as compreensões de Vasili Vasilievich Davidov que desenvolveu os conceitos de Atividade de Estudo e pensamento teórico, com consequências sobre a formação da personalidade criadora. Isto se dá por intermédio da passagem dos estudantes por cinco ações mentais, com base na gênese histórica e dialética dos eventos.

Pela atividade, como uma unidade de análise do desenvolvimento humano a cultura é internalizada tratando-se da passagem do plano psicológico social (intersíquico) para o plano psicológico individual (intrapíquico). Davidov diz que uma atividade de estudo, devidamente organizada, possibilita aos estudantes adentrarem no universo da cultura como forma de transformação de si mesmos, na medida em que desenvolvem uma compreensão teórica de mundo.

Mas, o que é pensamento teórico? Trata-se do desenvolvimento de processos intelectuais aprimorados, pelos quais estudantes elaboram conceitos e os utilizam como instrumentos (psicológicos), sobretudo porque viabilizam relações de generalidades no entendimento de contextos específicos e resolução de desafios da vida prática. Vigotski (2001) argumenta que, pela aprendizagem, os estudantes desenvolvem duas importantes neoformações, que denominou “tomada de consciência” e “arbitrariedade”. A tomada de consciência se trata dos processos psicológicos que envolvem a relação do estudante com os conceitos científicos de uma disciplina, formando posteriormente uma nova estrutura de generalizações (um campo semântico ou sistema conceitual) a partir de uma estrutura já

existente, porém não conscientizada. A arbitrariedade diz respeito à intencionalidade mediada (aplicação do conceito) relacionando-se às ações do estudante no e com o mundo, e sua relação consigo mesmo. Trata-se da formação do campo semântico (VIGOTSKI, 2001) que se distingue pela elaboração linguística de relações. Davidov (1986) também compreende que as interações entre os estudantes e o professor, baseadas no apoio compartilhado, são promissoras e que a aprendizagem decorrente gera desenvolvimento intelectual. Não basta apenas o conhecimento de conceitos teóricos; o estudante necessita compreendê-los numa relação de generalidades. Todavia, argumenta que a atividade de estudo necessita gerar zonas de desenvolvimento para atender a uma necessidade imperativa, resultante da relação entre a atividade de ensino e a atividade de estudo: a de que os estudantes possam se apropriar das inúmeras experiências histórico-culturais humanas e transformá-las em atividade pessoal, nas suas relações com o mundo e consigo mesmos. Portanto, necessitam ser desafiados por tarefas que ilustram a origem dos conceitos.

A seguir, distinguimos as cinco ações mentais, esclarecendo que cada ação, opera níveis mais altos de compreensão, na medida em que a atividade e operações decorrentes se baseiam nas explorações que desafiam os estudantes. O desenvolvimento das neoformações implica em mudanças como a modificação estrutural da consciência, consideradas constitucionais, o que significa desenvolver quatro possibilidades formativas:

1. Situar-se a partir da construção histórica do mundo.
2. Desenvolver postura teórica para a compreensão crítica do contexto social, conseqüentemente, desenvolver reflexão histórica. A questão que se apresenta aqui, é: qual História está sendo contada? Quem a está contando?
3. Contribuir para que possa atuar de forma consciente, em seu contexto social.
4. Auxiliar no processo de autoconhecimento, ou seja, uma compreensão crítica da vida humana e uma relação ética consigo mesmo.

Compreendemos que existe uma aprendizagem histórica, ou, a capacidade de interpretar atividades humanas passadas e, nesse movimento, constituir o processo de autoconhecimento como condição para orientar-se em contextos da vida prática, mas na forma de pensamento teórico. Na sequência, uma proposta para o sexto ano do ensino fundamental.

A primeira ação denomina-se “Formação da base teórica”. Nesta se dá a identificação da relação universal do objeto de estudo, com as suas características mais gerais, ou a relação universal que reflete o tema. Trata-se da jornada à base genética e fonte de todas as formas gerais e particulares - a sua teoria. Para sua formação é necessário um conceito nuclear da atividade, bem como conceitos associados. Mas, o que é um conceito? Em Vigotski (2001), trata-se de um microcosmo da consciência - uma teoria. Para Davidov (1988), uma forma simbólico-semiótica que contém as ações cognitivas sensório-objetais, manifestando um conteúdo universal do objeto do conhecimento. Ao serem sistematizados formam a sua teoria que corresponde ao conteúdo interno do conceito.

Partimos do conceito de “história”, do qual derivam conceitos e objetivos abrangentes de aprendizagem como historiador, saber histórico, fato histórico, documento histórico, museu e fonte histórica que, posteriormente, se desdobram em objetivos específicos como a caracterização do papel de um historiador e sua atuação na sociedade, a argumentação sobre as características e origem do saber, documentos e fontes históricas, etc. Segundo Davidov (1988), o processo de elaboração do pensamento teórico não diminui o papel e a importância das fontes sensoriais do conhecimento, ou seja, as operações decorrentes das cinco ações foram pensadas e organizadas, considerando-se o princípio de que o pensamento teórico tem por base dados reais, na forma de conhecimentos sensoriais.

Na primeira ação mental, os estudantes observam as abstrações concernentes ao tema e suas relações de generalidades, ou seja, uma compreensão das relações que os conceitos estabelecem entre si, formando o que Vigotski compreendeu como sistema de conceitos ou um campo semântico com suas relações recíprocas de generalidade. Para a formação da base teórica e a tomada de consciência, propomos três operações, que constituem a forma de executar uma ação, determinada pela natureza da tarefa:

Roda de conversas: caracteriza-se pelo diálogo entre professor e estudantes a partir de uma proposição: apresentar e ilustrar um episódio familiar considerado curioso, acontecido há, pelo menos, um ano antes, necessitando trazer fotografias, vídeos, documentos ou objeto para a exposição e ilustração coletiva do episódio. Vigotski (2010, p. 64) expõe que “[...] a experiência pessoal se torna a base principal do trabalho pedagógico”, assim, nesta operação, os conceitos espontâneos se transformam em formas iniciais de conhecimento, auxiliando na identificação de compreensões estabelecidas. Entendemos que a operação aproxima os contextos cotidianos dos estudantes conectando-os (afetivamente) com a natureza (conceitual) do tema. Com a operação, compreendem que fazem parte de contextos históricos, logo, perceberão que são sujeitos no processo de construção das suas histórias. Também atribuem importância particular aos registros ou objetos familiares e se transformam em material de estudo. O conjunto das apresentações permite conduzir reflexões importantes, dirigindo a atenção do ponto de vista conceitual. Assim, a partir dos episódios pretende-se deduzir um conceito nuclear que reúne em si generalização e abstração substantivas: o conceito de “História” e, com ele, os conceitos fundamentais da atividade. Partir dos contextos sociais permite falar sobre o conhecido, portanto, amplia-se a possibilidade de dirigir a atenção sobre a base teórica da atividade, explicitada pelo professor ao apresentar o mapa conceitual, procedimento que acontece com a elaboração compartilhada a partir do conceito nuclear.

O historiador e sua formação inicial: nesta operação, a partir da leitura *on-line* do *site* da universidade (<http://www.furb.br>), organizam entrevista com a coordenação do curso de História (esta organização implica em contatar o responsável e definir estratégias de interlocução). Em seguida, prepara-se questionamentos que abrangem os objetivos da operação. Pela entrevista, aspectos da formação podem ser explorados, como características do curso, organização curricular, como acontecem as atividades de estudo e perspectivas profissionais.

Visita de estudos - museu de história e arquivo histórico do município: na operação, os estudantes conhecem dois espaços de natureza histórico-cultural: o museu e o arquivo histórico. Posteriormente, elaboram individualmente um glossário com conceitos resultantes, que será utilizado nas ações mentais seguintes.

O conjunto das operações não só objetiva a explicitação do campo semântico, como a relação com contextos culturais, acessíveis aos estudantes. Sobre a tomada de consciência, Davidov (2017, p. 219), argumenta que o caráter consciente é efetivamente viabilizado quando: “[...] não recebem conhecimentos já prontos, se eles mesmos revelam as condições de sua origem. Trata-se da formação da base genética que viabiliza as ações mentais seguintes. Nela revelam “[...] o conteúdo geral de certo conceito, com base para a identificação ulterior de suas manifestações particulares.” (DAVIDOV, 2017, p. 220).

A segunda ação, “Análise mental do processo”, trata-se da elaboração do modelo representativo da relação universal e suas conexões internas, representando um resultado que evidencia análise mental, explicitando um campo semântico de significados. Sobre o desenvolvimento das neoformações, esclarecemos que ainda estamos na etapa de tomada de consciência, portanto, sugerimos que esse modelo representativo seja materializado na forma da escrita autoral. O objetivo é levar os estudantes na formulação de texto que explicita um

modelo teórico representativo, ou seja, que representem não somente os conceitos, mas uma relação de generalidade, um sistema; isto significa “saber reproduzir mentalmente seu conteúdo. A ação mental de construção e transformação do objeto constitui o ato da sua compreensão e explicação, a descoberta de sua essência.” (DAVIDOV, 1988, p. 128). Trata-se de um exercício de metapensamento como manifestação de graus de consciência, não relacionado apenas ao conceito central, mas aos conceitos que o abarcam. Em Vigotski (2001, p. 275), “a tomada de consciência de alguma operação significa transferi-lo do plano da ação para o plano da linguagem, isto é, recriá-la na imaginação para que seja possível exprimi-la em palavras.”.

O desafio é selecionar uma das operações da primeira ação, apresentando um texto narrativo, utilizando conceitos da base teórica, formalizada no glossário. Os estudantes revelam um campo semântico: “[...] a palavra, ao crescer na consciência, modifica todas as suas relações e todos os seus processos [...], o próprio significado da palavra evolui em função da mudança da consciência.” (VIGOTSKI, 2004, p. 185).

Na terceira ação, denominada de “Formação da postura teórica”, ocorre a transformação do modelo - o estudo das propriedades da relação universal em seu aspecto concreto e não apenas abstrato. A análise das relações genéticas essenciais do objeto (tema), conduz o estudante à compreensão da essência desse objeto (seus fundamentos teóricos). Isto significa que desenvolve um modo de pensá-lo, investigá-lo e discernir conexões. Na ação, aplicam modos de generalização já estabelecidos, mas agora sobre um episódio específico. Para isto, propomos duas operações:

Saiu no jornal: a leitura de um artigo jornalístico sobre o incêndio ao Museu Nacional no Rio de Janeiro, em 2018. Em seguida, reúnem-se em grupos de trabalho para elaborar argumentações sobre a questão: “Com o incêndio do Museu todos perdemos. O país perdeu. Por quê? ”. Posteriormente, ocorre uma roda de conversas para manifestações a respeito da questão. Pretende-se, via argumentações, que adentrem no campo semântico para, com ele, explicitar postura diante do ocorrido, aspecto a que Vigotski (2001) se referiu como consciência reflexiva - pensar sobre as coisas, mas pensar com conceitos. O que se espera é a formulação linguística de relações.

O Cine História: optamos pela exibição da animação “As aventuras de Peabody e Sherman”. Ao final, o professor retoma aspectos como os períodos visitados pelos personagens e as características históricas que os tornaram importantes como fatos históricos. Posteriormente, os estudantes são desafiados: “Não possuímos máquina do tempo, portanto, o passado precisa ser, de alguma forma, reconstruído. Como foi e é possível termos conhecimentos sobre a humanidade e sua história? ”. A discussão parte do mapa conceitual para chegar a um novo conceito: “investigação histórica”, devidamente explicado e ilustrado (Por que investigação é importante? Quem a faz, de que formas, com que instrumentos, em quais condições e lugares? Com quem?). Em seguida, reelaboram o mapa, inserindo o conceito de “investigação histórica”, justificando relações com toda a base teórica. Na terceira ação pretende-se que consigam estabelecer um olhar teórico sobre o objeto de estudo, a partir da retomada do constructo mental, elaborado e internalizado anteriormente. Nesta etapa, é fundamental uma compreensão ética, sobretudo no que diz respeito de como a História (como ciência, portanto como consciência social) foi e continua sendo elaborada pelos historiadores, nossa próxima operação:

O código de condutas: trata-se da elaboração de princípios éticos, ponto de partida para ação seguinte. Propomos um código de condutas organizado na forma de um quadro para ser fixado em sala, possibilitando acesso visual. Discute-se alguns princípios:

1. Devemos ser responsáveis, conhecer e nos preocupar como tratamos as fontes

- históricas (pessoas, espaços, objetos, documentos).
2. Quando vamos recolher informações na e fora da escola, necessitamos prestar atenção sobre como faremos e que instrumentos serão adequados para isto.
 3. Anotar sempre é importante, portanto, precisamos ser cuidadosos com as anotações ou registros, como fotografias e filmagens. É preciso autorização para fazê-lo.
 4. Quando conversamos ou entrevistamos uma pessoa, devemos saber se permite que façamos perguntas e registro das respostas. Devem saber que escreveremos sobre isto.
 5. Precisamos respeitar nossas fontes de conhecimento e seus autores. Eles necessitam aparecer em nossos trabalhos.

Agora, com postura teórica, exploram conhecimentos em contextos específicos, como variantes da tarefa inicial, ou seja, desenvolvem uma investigação histórica, nossa quarta ação, denominada “Exploração do conhecimento situado e concreto”. O desafio é percorrer trajetórias investigativas de um historiador, na busca, organização e elaboração do conhecimento histórico, exercendo uma investigação com leitura, observação, registros, recolha e organização de informações. A proposta é conduzir à elaboração dos conhecimentos, bem como desenvolver habilidades que correspondem aos fundamentos das formas de consciência social, relacionadas a esses conhecimentos. A operação trata-se da elaboração conjunta do “Livro das Histórias”, produto final da atividade, com textos (ilustrados), decorrentes da atuação dos estudantes como exploradores, com seis capítulos temáticos: A história de uma família; A história de um personagem da comunidade; A história de um(a) amigo(a); A história do município; A história da escola e A história de um objeto.

Os estudantes, em grupos de trabalho e com um dos temas desenvolvem uma exploração em campo a partir da elaboração de um plano de ação que contemple decisões sobre as etapas a serem percorridas, a formulação e a divisão de tarefas. Posteriormente também se decidirá sobre informações e ilustrações essenciais. O professor evita tarefas que exijam apenas cópia de fontes históricas, sugerindo uma abordagem na qual vivenciam o mesmo tipo de escolhas que todo historiador faz. A respeito da exploração, Davidov (1986, p. 182-183) compreende que “devem realizar necessariamente uma busca autônoma do caminho para resolver um problema e examinar suas possíveis variações. Estes trabalhos autônomos associam-se à atividade produtiva do aprendiz”. Espera-se que exerçam a autonomia criativa, sobretudo pela apropriação de experiências histórico-culturais, agora transformadas como atividade pessoal do estudante - as palavras agindo não apenas como meios de comunicação, mas como objeto de estudo.

Finalmente, a quinta ação, o “Exame qualitativo dos fundamentos teóricos das ações” conduz a um retorno aos fundamentos das próprias ações, etapa chamada reflexão. Assim, a operação - um seminário de socialização - trata da retomada das ações, considerando-se seus resultados. Os estudantes são instados a refletir sobre como adentraram em formas de conhecimento (formas de consciência social) que resultaram no produto final da atividade. É o momento para a retomada e a elaboração de resposta ao questionamento original: o que é História, afinal? Para Davidov (1986, p. 254) “o desenvolvimento mental humano ocorre durante o processo, no qual o indivíduo se apropria dos modos de atividade socialmente desenvolvidos”. E completa: “[...] um processo de internalização não consiste na transferência da realidade externa para um ‘plano de consciência’ e reflexões internas antecedentes, mas sim na produção deste plano” (1986, p. 259).

Finalizando, afirmamos que o ensino de História conduz os estudantes a situarem-se à frente de si mesmos. Isto ocorre na medida em que internalizam a cultura (como atividade social) tornando-a sua própria atividade. Vigotski asseverou que pela escrita, mantêm sua atenção sobre os significados da comunicação, isto é, pensam sobre as próprias formas de

pensamento. Além da necessidade de se constituir um campo semântico, o trânsito autônomo e criativo com conceitos denota manifestação do pensamento teórico. Importante evidenciar a função dos professores no desenvolvimento da atividade, como orientadores, organizando e intervindo na relação estudante e conhecimento histórico. Entendemos a mediação como processo dinâmico que ocorre por intermédio de amplificadores culturais, que modelizam a ação por um lado e os objetivos e motivações, por outro. Na atividade de estudo proposta pretendemos que os estudantes transformem o fluxo e a estrutura da consciência, para, com pensamento teórico, se relacionarem com suas realidades com conhecimento e autonomia.

PALAVRAS-CHAVE: Aprendizagem e desenvolvimento. Atividade de Estudo. Ensino de História. Pensamento teórico.

REFERÊNCIAS

DAVIDOV, V. V. Análise dos princípios didáticos da escola tradicional e dos princípios do ensino em um futuro próximo. In Longarezi, A. M. & Puentes, R. V. (orgs.). **Ensino desenvolvimental**: antologia. Uberlândia: Edufu, 2017.

DAVIDOV, V. V. Problemas do ensino desenvolvimental: a experiência da pesquisa teórica e experimental na Psicologia. **Revista Soviet**, 30, v. 8. (J. C. Libâneo; R. A. M. da M. Freitas, Trad.), 1986.

DAVIDOV, V. V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico**. Moscú: Editorial Progreso, 1988.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

VIGOTSKI, L. S. **Teoria e método em psicologia**. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.